

843

MARCELLO CAETANO

GLÓRIA AOS QUE  
COMBATEM  
PELA PÁTRIA!

DISCURSO PROFERIDO PELO PRESIDENTE  
DO CONSELHO DE MINISTROS NA  
LIGA DOS COMBATENTES, EM LISBOA,  
A 4 DE MAIO DE 1972.

1177



MARCELLO CAETANO



# GLÓRIA AOS QUE COMBATEM PELA PÁTRIA!

DISCURSO PROFERIDO PELO PRESIDENTE  
DO CONSELHO DE MINISTROS NA  
LIGA DOS COMBATENTES, EM LISBOA,  
A 4 DE MAIO DE 1972.

SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

1 9 7 2



INCORPORACÃO

MARCELLO GARCIA

GLÓRIA AOS QUE  
COMBATEM  
PELA PÁTRIA!

ENCHEM O SEU CORAÇÃO DE GLÓRIA  
COM O COMBATE ÀS FORÇAS  
INIMIGAS DA NOSTRA PÁTRIA!

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Foi já uma honrosa distinção o convite que VV. Ex.<sup>as</sup> me formularam para estar na vossa companhia. Mas a hospitalidade requintou de cortesia nas saudações que acabam de me ser dirigidas em termos tão desvanecedores.

Efectivamente encontro aqui muitas caras conhecidas. O Senhor General Schultz recordou que alguns conhecimentos datam do tempo em que exerci as funções de comissário nacional da Mocidade Portuguesa. É uma recordação saudosíssima. Não escondo que de todas as funções públicas que desempenhei através da minha vida foram aquelas em que pus mais fervor e de que mais me orgulho. Pode a maldade dos homens procurar agora mal-sinar as intenções e as realizações desse admirável movimento da juventude: nós que o vivemos nos anos seguintes ao da sua criação sabemos bem o que nele houve de entusiasmo, de generosidade, de intenção patriótica. Como nele sonhámos criar um novo Portugal pela modificação dos hábitos e da mentalidade dos Portugueses. Como através dele apelámos para o que há de mais nobre e de mais sã na gente nova. Como em todos os pensamentos, palavras

e obras nos animaram sempre propósitos de que não temos de nos envergonhar, pelo contrário só podem ser motivo de exaltação dos que na época os prosseguiram.

A Mocidade Portuguesa professava o culto da Pátria, dos seus valores e dos seus heróis. E espalhou sempre o sentido da missão nacional no ultramar. Esse ultramar cuja preservação e defesa levou em 1916 Portugal a entrar na primeira grande guerra como beligerante. Nessa altura, não foram apenas enviadas expedições para Angola e Moçambique: entenderam os governantes que, para termos lugar na futura Conferência da Paz e aí podermos zelar a integridade do território d'aquém e d'além-mar, deveríamos também estar presentes na principal frente de batalha europeia, que era a da França. O Corpo Expedicionário Português alinhou na Flandres com as outras tropas aliadas para que mais tarde, em Versalhes, o País figurasse entre os vencedores e conservasse assim intactas as cobiçadas províncias africanas.

Foram os combatentes dessa primeira grande guerra os fundadores da Liga onde nos encontramos e que, por isso, bem pode dizer-se ter nascido logo sob a égide da defesa do ultramar. Como foi agora recordado, a Liga abriu depois as suas portas a novas vagas de soldados ou antigos soldados mobilizados em outras ocasiões críticas para a defesa do País.

A todos chama combatentes, sem distinguir as tropas em que estiveram incorporados ou as missões que foram chamados a desempenhar. Porque, primeiro, a mobilização e o serviço militar por si sós os tornaram disponíveis para

os riscos da luta e a sorte dos combates, que muitos experimentaram e selaram com o seu sangue. E em segundo lugar porque a mobilização marca uma vida, e marca-a para sempre. Quem acorreu no momento crítico ao chamamento da Pátria fica sempre vigilante ao serviço dela; e deve estar pronto a lutar para que o seu sacrifício não tenha sido em vão.

Combatentes, lembrou V. Ex.ª, o Senhor General, são hoje todos aqueles que se esforçam com devoção, com zelo, com destemor por promover o progresso do País, removendo os obstáculos que de tantos lados se levantam, na mentalidade das pessoas como nas dificuldades dos meios.

E que batalha essa! Batalha travada em tantas frentes — e envolvendo tão variadas acções, que na verdade dá motivos de espanto a quem de fora a contempla. Sem bravata, o povo português está a escrever uma das páginas mais gloriosas da sua história. A frase não tem nada de original, mas o facto é verídico e não pode exprimir-se de outra maneira. Pois que dizer quando se vê a serenidade com que decorre a vida do País que, de armas na mão, defende a paz laboriosa de três províncias ultramarinas cuja extensão somada cobre quase a da Europa, e ao mesmo tempo trabalha afanosamente para aumentar a produção dos seus campos e das suas fábricas, explorar novas fontes de riqueza, sulcar os mares e os ares a cada hora, melhorar infra-estruturas, alargar a educação popular e elevar o nível de vida dos seus filhos olhando previdentemente pelo futuro e procurando desenvolver a assistência social.

E tudo isto com o próprio esforço e com o suor do próprio rosto. Sem auxílios exteriores e, pelo contrário, lutando contra hostilidades estúpidas, e contra criminosas recusas de cooperação.

Somos, por feítio, propensos à dúvida, ao descontentamento, ao derrotismo: e com isso tudo, e apesar disso tudo, quando cumprimos o nosso dever, fazemo-lo bem. E realizamos. E vencemos. Sempre a resmungar, é certo. Mas se formos capazes de dissipar o nevoeiro que tolda a nossa visão mais próxima, senhores, este País não tem de que se envergonhar! Mais: este País tem o direito de olhar de cabeça erguida ao seu redor — e ao redor dele está o mundo inteiro!

Glória, pois, aos que lutam! Glória aos que combatem! Glória aos que, cerrando fileiras em torno dos seus chefes legítimos, identificando a sua consciência com a consciência nacional, mergulhando obscura e dignamente na massa anónima que trabalha e vigia, e actua, formam o Portugal de hoje cujas feições de beleza e de nobreza nenhum traidor jamais conseguirá desfigurar!

Nesta evocação permitam-me que destaque alguém.

Primeiro, os jovens que ao serviço da Pátria ficaram inválidos ou mutilados. Quero afirmar aqui que não só não são esquecidos como, pelo contrário, constantemente estão presentes nas preocupações do Governo. Às vezes uma providência justa por eles pretendida pode levar tempo a tomar: tudo leva tempo ... Mas o que for justo, e mais, o que for merecido para além da mera justiça, não deixará de ser feito.



Depois, as senhoras a que V. Ex.<sup>a</sup>, Senhor Presidente da Comissão Administrativa, tão tocantemente se referiu e cuja presença tanto me penhora. Sei bem o que significa em todo este esforço nacional a parte das mulheres — das mães, das esposas, das noivas, das filhas dos militares. E sei bem o que elas podem contribuir, como todas as mulheres portuguesas, para o êxito dessa vasta e renhida batalha de defesa e de engrandecimento nacional em que estamos envolvidos em termos de guerra total. Outrora falava-se apenas no sofrimento feminino: e ele continua a contar nos valores morais desta Nação que desde o nascimento corre a aventura e desafia a dor: «Ó mar salgado / quanto do teu sal / são lágrimas de Portugal! / Por te cruzarmos quantas mães choraram ...» / Mas para além do que é mágoa e pena, vem o papel actuante da mulher de hoje na família e na sociedade. E aqui, na metrópole como lá, no ultramar, temos visto as mulheres tomar parte activa nas tarefas da assistência, da educação, da administração pública, da actividade económica, das profissões liberais: contribuir por modo valioso para o esforço colectivo, até pelo apoio às tropas dado por organizações femininas a cuja obra meritória nunca é de mais prestar homenagem.

São combatentes também nesta grande mobilização nacional. Saúdo-as conjuntamente com quantos nesta Liga se congregam. E faço votos por que a vossa associação seja sempre para o País espelho de virtudes cívicas onde possam resplandecer sem mácula os versos camonianos: «Vereis amor da Pátria não movido / de prémio vil, mas alto e quase eterno!».





NB



\*EFG0000513065\*



S.N.I.